

LIVRO DE ENSAIOS: GALÁXIAS*

POR

HAROLDO DE CAMPOS

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Os formalistas russos hoje em maré montante de prestígio, graças à antropologia estrutural de Lévi-Strauss e aos novos críticos franceses como Roland Barthes — souberam ver o problema da prosa. Que há uma crise da prosa.¹ Uma crise que põe em questão a própria sobrevivência da estrutura romanesca tradicional como meio apto para a comunicação na era tecnológica, na civilização da comunicação acelerada (Marx e Engels, 1848: “Em lugar do antigo isolamento das províncias e das nações bastando-se a si mesmas, desenvolvem-se relações universais, uma interdependência universal das nações. E o que é verdadeiro em relação às produções materiais, também o é no que respeita às produções do espírito. As obras intelectuais duma nação tornam-se propriedade comum de todas elas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada dia mais impossíveis; e da multiplicidade das literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal”; Marx, 1859, falando da impossibilidade da poesia épica diante do jornal e da imprensa: “O canto e a legenda (“das Singen und Sagen”, “o canto e o canto”, “a fala e a fábula”, se quisermos manter a paronomásia do texto original) e a Musa não desaparecem então, necessariamente, diante da alavanca do tipógrafo, e assim as condições necessárias à poesia épica não perecem também?”). A estrutura linear, perempta diante do mosaico do jornal, como o brasileiro Sousândrade (*O Inferno de Wall Street*, 1877) e Mallarmé (*Un Coup de Dés*, 1897), pioneiros, souberam perceber; e como, agora, Marshall McLuhan o teoriza, em *The Gutenberg Galaxy* (1962) e *Understanding Media* (1964). Uma observação para os que gostam de iludir e despistar: McLuhan rejeita a dimensão linear da comunicação tipográfico-visual, não a visualidade *simultânea*, que já incorpora a oralidade como numa partitura, que tende ao sinestésico, ao tátil, ao interpenetrado, ao *plúrimo*; entre seus autores de cabeceira estão Joyce, Mallarmé, e.e. cummings, Pound. O “livro como objeto”, na fórmula de Michel Butor, é o que está hoje em discussão.

Victor Schklóvski (“A Paródia no Romance”, em *Teoría da Prosa*) salientava, desde 1925, que o *Tristram Shandy* (1760-1767), de Laurence Sterne, não era, pela maioria das pessoas, considerado um “romance”. Para essas pessoas só a ópera seria música: uma

¹ Abordei a crise da linguagem e a estética do fragmentário na prosa em minha introdução, “Miramar na Mira”, ao romance-invenção *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, em sua 2a. edição (Difusão Européia do Livro, S. Paulo, 1964).

sinfonia, para elas, era uma confusa mistura. E Schklóvski proclamava, sem temor ao paradoxo: “Na verdade, dá-se justamente o contrário: *Tristram Shandy* é o romance mais típico da literatura universal”. Típico em que sentido? No sentido de que seu conteúdo é sua estrutura. Trata-se de um romance que põe a nu o processo mesmo da ficção romanesca, de um romance cuja personagem é o próprio romance.² Joyce, publicando o *Ulysses* três anos antes das formulações teóricas de Schklóvski, iria —como este “romance para acabar com todos os romances”— referendar na prática, e por antecipação, a validade e urgência contemporâneas das reflexões do crítico russo. Mas os predecessores de Joyce podem ser rastreados no tempo, toda uma linhagem de escritores “estranhos”, à margem do filão principal do romance “bem feito”, “acabado”, ao gosto do realismo oitocentista (além de Sterne, caberia arrolar entre tais predecessores, por exemplo, um Rabelais, um Swift, o Flaubert de *Bouvard et Pécuchet*, e, entre nós, o último Machado de Assis, solerte e cheio de truques, das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do *Quincas Borba* e do *Dom Casmurro*, o Machado que, não à-toa, se reclamava da lição sterniana).³

Na posteridade joyceana, terá sido o “nouveau roman” francês o primeiro movimento (não importa se deliberadamente proposto como tal, ou se identificável assim “a posteriori”, por um feixe de traços distintivos comuns) a retomar, em toda a sua plenitude, a idéia do romance em estado de crise ou de crítica do romance. E entre os “novos-romancistas” destaca-se logo, nesse sentido, pela radicalidade, a obra de Michel Butor, em especial a partir de *Mobile* (1962), decididamente empenhada numa revolução estrutural do livro. Mas em outras partes há também manifestações desse estado de coisas. Na Alemanha, com Arno Schmidt e os mais novos Hans G. Helms, Kriwet, Harig; na Itália com Carlo Emilio Gadda (*Quer pasticciaccio brutto de via Merulana*, 1957) e agora os poetas romancistas dos anos 60, Sanguineti e Balestrini; na Argentina, com Borges e, mais recentemente, Julio Cortázar (*Rayuela*, 1963), seguido por Néstor Sánchez, —para dar apenas estas indicações exemplificativas—, a problematização da prosa tem seguido por diferentes lançantes seu caminho.

No Brasil, para reduzir a questão a um grande esquema bi-polar, direi que ela se põe para mim entre Oswald de Andrade, nos anos vinte (*Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Serafim Ponte Grande*), e Guimarães Rosa, a contar dos anos 50 (*Grande Sertão: Veredas*; as estórias “Cara-de-Bronze”, “Meu Tio, o Iauaretê”). Oswald: a estética do fragmentário; a abolição das categorias poesia e prosa em função de uma nova idéia de texto como objeto de palavras; a síntese; a sintaxe de montagem, cubista. De mentalidade

² Nietzsche, num lance fulgurante de *Humano, Demasiado Humano*, antecipou-se a Schklóvski no reconhecimento de Sterne como “o escritor mais livre de todos os tempos”, aquele que, em lugar da “melodia fechada e clara”, teria celebrado a “infinita melodia”, vale dizer, “um estilo de arte em que a forma determinada é constantemente quebrada, deslocada, revertida ao indeterminado, de tal modo que significa uma coisa e ao mesmo tempo outra”; “seu livro é como um espetáculo dentro do espetáculo, um público de teatro diante de outro público de teatro”.

³ Este último Machado de Assis perturbou e irritou tanto o mais renomado crítico do seu tempo, Sílvio Romero, que este chegou a definir a maneira de escrever machadiana como “gagueira estilística”, dando-lhe inclusive uma malevolente interpretação fisiológica: “Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra” (Sílvio Romero, *Machado de Assis. Estudo comparativo de literatura brasileira*, R. Janeiro, 1897).

industrial e urbana, Oswald parece mais moderno, mais tenso para o futuro. Guimarães Rosa: o artesanato, a elaboração minuciosa, a fabulação via linguagem, a diversificação vocabular aprofundada como nunca antes em nossa língua (exponenciação conseqüente e superação, nesse sentido, da área de pesquisas aberta por outra obra-limite, *o Macunaíma*, 1928, de Mário de Andrade); risco mais próximo: o maneirismo, a conformidade a um previsível de fatura excelente, mas não obstante previsível. Entre os dois pólos—concentração sintática X expansão semântica —e rasgando agora para o vertiginoso e o inexplorado, o espaço útil onde, a meu ver, na circunstância brasileira mas sempre em sintonia com aquele vetor já referido de uma “literatura universal”, devem ser jogados os dados de uma nova possibilidade textual.

E o que estou pretendendo fazer, tentativamente, com meu *Livro de Ensaio* — *Galáxias*, começado em 1963, cujos primeiros 25 fragmentos foram publicados em *Invenção*, nos. 4 (1964) e 5 (1966-67). Trata-se de um texto em mosaico ou constelar, previsto para cerca de 100 páginas, móveis, intercambiáveis à leitura (destas, apenas a primeira e a última seriam fixas, *formantes*). Uma vértebra semântica liga essas páginas soltas: a idéia do livro como viagem e da viagem como livro. Périplo e palimpsesto. Em torno dela, como limalha temática em redor de uma haste imantada, os materiais: o visto, o ouvido, o vivido, o lido. Uma fabulação sem fábula. Um presente de presentes copresentes. O viver-a-vida na sua dimensão existencial, nas suas concreções crítico-ideológicas, no seu lirismo direto, nas justaposições de reles e raro, de trivial e surpreendente. *Monólogo exterior*, como eu procurei definir o processo, por oposição ao *monólogo interior* joyceano, com suas implicações de sondagem psicológica (usei a expressão em “Dois dedos de prosa sobre uma nova prosa”, texto introdutório, publicado em *Invenção*, 1964; no mesmo ano Alain Badiou a empregaria, coincidentemente, em *Almagestes*, porém numa acepção e para efeitos distintos dos meus).

GALÁXIAS - 3 fragmentos

No intuito de permitir uma fruição maior da *leitura como jogo*, para os que não conhecem suficientemente o português, os 3 fragmentos escolhidos são apresentados no original brasileiro e na tradução francesa, esta última feita segundo critérios de tradução criativa e acompanhada pelo próprio autor (o texto francês foi publicado na revista *Change*, n. 6 (La poétique / la mémoire), Seuil, Paris, 1970).

Os textos até aqui escritos de Galáxias (uma obra ainda *in progress*) serão reunidos provisoriamente em *Xadrez de Estrelas* / percurso textual, antologia a ser lançada pela Editora Perspectiva, São Paulo. Gostaria de fazer preceder a presente amostragem desses textos “galáticos” do penetrante comentário que sobre eles recebi de Severo Sarduy, em 1972:

“La otra teoría cosmológica actual, mucho más derridiana, considera que no hubo big bang, que no hay origen, simplemente que a partir de nada se crea continuamente en el espacio el hidrógeno y a partir de allí todo sigue sucediendo. La única retombée textual posible de esto (y al fin entras en escena, después de este fastidioso exposé que espero no te haya exasperado) es tu libro de ensayos: galaxia en que no hay centro, ni siquiera por su ausencia, sino a cada línea una creación fonética autónoma a partir de nada. No se trata pues de un universo en expansión a partir de un big bang inicial, como en Circus, por

ejemplo, sino de un universo en estabilidad a creación autónoma constante, sin origen y a partir de nada, cuyo soporte funcional es la diferencia y cuyo motor la repetición”

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a especie da viagem o que importa não é a viagem mas o seu começo da por isso meço por isso começo a escrever mil páginas, a escrever milumapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso recomeço por isso arremesso por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites milumapáginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o começo onde escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomeço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e forgoso, um livro onde tudo seja não esteja seja um umbigodomundolivro um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem e o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço remeço um livro e o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro e cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim começo começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do começo afunila o começo no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomeço refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e regressa e retece há milumaestórias na mínima unha de estória por isso não conto por isso não canto por isso a não estória me desconta ou me descanta o avesso da estória que pode ser escória que pode ser cárie que pode ser estória tudo depende da hora tudo depende da gloria tudo depende de embora e nada e néris e reles e nemnada de nada e nures de néris de reses de ralo de raro e nacos de necas e nanjas de nullus e nures de nenhures e nesgas de nulla res e nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total tudossomado todo somassuma de tudo suma somatória do asomo do assombro e aqui me meço e começo e me proleto eco do começo eco do eco de um começo em eco no soco de um começo em eco no oco eco de um soco no osso e aqui ou além ou aquém ou láacolá ou em toda parte ou em nenhuma parte ou mais além ou menos aquém ou mais adiante ou menos atrás ou avante ou paravante ou à ré ou a raso ou a rés começo re começo rés começo raso começo que a unha-de-fome da estória não me come não me consome não me doma não me redoma pois no osso do começo só conheço o osso o osso buco do começo a bossa do começo onde é viagem onde a migalha a maravalha a apara é maravilha é vanila é vigilia onde a viagem é maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha é cintila de centelha é favila de fábula é lumínula de nada e descanto a fábula e desconto as fadas e tonto as favas pois começo a fala

(1963)

reza calla y trabaja em um muro de granada trabaja y calla y reza y calla y trabaja y reza em granada um muro da casa del chapiz ningun holgazán ganará el cielo olhando para baixo um muro interno la educación es obra de todos ave maria em granada mirad en su granada e aquele dia a casa del chapiz deserta nenhum arabista para os arabescos uma

apodrece em roxoamarelo pus de sumo e polpa e vurmo e goma e mel e fel mas o mar depois do mar depois do mar o mar ainda poliglauco polifosfóreo noturno agora sob estrelas extremas mas liso e negro como uma pele de fera um cetim de fera um macio de pantera o mar polipantera torcendo músculos lúbricos sob estrelas trémulas o mar como um livro rigoroso e gratuito como esse livro onde ele é absoluto de azul esse livro que se folha e refolha que se dobra e desdobra nele pele sob pele pli selon pli o mar poliéstentóreo também oceano maroceano soprando espondeus homéreos como uma verde bexiga de plástico enfunada o mar cor de urina sujo de salsugem e de marugem de negrugem e de ferrugem o mar mareado a agua gorda do mar marasmo placenta plácida ao sol chocada o mar manchado quarando ao sol lençol do mar mas agora mas aurora e o liso se reparte sob veios vinho a hora polifluiu no azul verde e discorre e recorre e corre e entrecorre como um livro polilindo-se polilido sob a primeira tinta da aurora agora o rosício roçar rosa da dedirrósea agora aurora pois o mar remora demora na hora na paragem da hora e de novo recolhe sua safra de verdes como se aguas fossem redes e sua ceifa de azuis como se um fosse plus fosse dois fosse tres fosse mil verdes vezes verde vide azul mas o mar reverte mas o mar verte mas o mar é-se como o aberto de um livro aberto e esse aberto é o livro que ao mar reverte e o mar converte pois de mar se trata do mar que bate sua nata de escuma se eu lhe disser que o mar começa você dirá que ele cessa se eu lhe disser que ele avança você dirá que ele cansa se eu lhe disser que ele fala você dirá que ele cala e tudo será o mar e nada será o mar o mar mesmo aberto atrás da popa como uma fruta rosa uma vulva frouxa no seu mel de orgasmo no seu mal de espasmo o mar gárrulo e gargáreo gorgeando gárrulo esse mar esse mar livro esse livro mar marcado e vários murchado e floreo multitudinoso mar purpúreo marúleo mar azúleo e mas e pois e depois e agora e se e embora e quando e outrora e mais e ademais mareando marujando marlunando marlevando marsoando polúphloisbos
(1963)

galaxies

et ici je commence et ici je me lance et ici j'avance ce commencement et je relance et j'y pense quand on vit sous l'espèce du voyage ce n'est pas au voyage qu'il tient mais au commencement du et pour ga je mesure et l'épure s'épure et je m'élance écrire millepages mille-et-une pages pour en finir avoc en commencer avoc l'écriture en finircommoncer avec l'écriture et donc je recommence j'y reprends ma chance et j'avance écrire sur l'écriture est le futur de l'écriture je surécris suresclave dans los mille et une nuits les mille et une pages ou une page dans une nuit ce qui se rossemble s'assemble pages et nuits se miment s'ensoimément où le bout c'est le début où écrire sur ('écrire c'est non-écrire sur nul-écrire et pour ga je commence je démence pour le décommencement et je change et derange un livre où tout serait fortuit et forcé où tout serait non et tout serait selon un livre-nombril-du-monde un monde-nombril-du-livre un livre de voyage où le voyage est le livre l'être du livre est le voyage et pour ça je dépars car l'art c'est le départ et je tourne et je détourne car à mon tour je me double et je mesure ma romesure un livre est le contenu du livre et chaque page d'un livre est le contenu du livre et chaque ligne de chaque page et chaque mot de chaque ligne est le contenu du mot de la ligne de la page du livre un livre

essaie le livre tout livre est un livre en essai d'un essai d'un livre d'essais c'est pourquoi le boutdébüt débute et aboutit but à but au début et la fin é l'affot s'affine la fin qui raffinit file et faufile le fil de la fin au fur quo je mesure et à mesure quo j'effile et où ça finit ça recommence et sans cesse j'y pense á la vitesse du vent et j'y reviens par un fil qui frétille et il y a mille et un récits dans un mince débris de récit c'est pourquoi je le nie et au récit ne me fie et je ne chante ni raconte et le non-chant me décompte et pourtant je l'entonne cet envers du conte qui peut être honte qui peut être comble qui peut être conte ça dépend de la chance ça dépend d'une nuance ça dépend de l'aisance et pourtant ça dépend et rien et rouille et riendutout et égout et égal et aiguille et vétille et nib et nibergue et niberte et nif et pasdutout et nullement et cil de nihil et plus jamais de nulla res somme toute peut être total peut être sommation sommesommaire de tout en somme au sommet d'une moisson qui rayonne et m'étonne c'est pourquoi je la sème et voici mon élan que j'avance en écho écho d'un essor quo je déclois moi l'oiseau de l'écho du vol en écho de l'oiseau de l'écho dans l'acte de le déclore l'oiseau creux de l'écho qui prend son vol dans le clos de l'os et ici et ailleurs et de ce côté-ci ou de ce côté-là ou là-bas ou là-haut ou partout ou nulle part ou au-delà ou en arrière ou en allant ou auparavant ou après coup ou à coup sûr à plat je commence aux prises je commence de plain-pied je commence au rebours je commence par le mince commencement que la griffe du récit ne me ronge et j'y plonge ne me nuit et tant pis car dans l'os creux du vol je ne connais que le vol et mon noeud je le file sans avoir jeu ni lieu où le voyage est merveille est tournesol voyage de merveille est éveíl du mirage où la miette l'aigrette la fête est merveille est vanille est vanesse est vermeil d'étincelle est lettrine d'orfèvre est lunule du mystère et je décompte los fées et je racompte mes frais et par la fin j'y remonte car le vocable est ma fable
(traduction: jean-francois bory et h. de campos)

reza calla y trabaja une muraille à grenade trabaja y calla y reza y se taire y trabaja y reza à grenade une muraille de la maison del chapiz ningun holgazán ganará el cielo regardant en bas un mur interne l'éducation est l'œuvre de tous ave marie à grenade mirad en su granada et ce jour-lá la maison del chapiz déserte aucun arabisant pour les arabesques une femme soignant un enfant au coin d'une porte basse y prie y travaille y calla n'en savait rien y trabaja ne pouvait renseigner sur rien y reza et ensuite la plazuela san nicolás blanc du blanc du blanc y calla dans le blanc dans le blanc du blanc d'espagne un essaim de blanc le blanc un essaim de blanc de la chaux d'espagne la chaussée cailloux ronds et l'arc blanc contenant le blanc qui caille calla et chaux travaille un mur de blancheur et plus loin làloin dans le lointain le rouge relief du generalife et l'alhambra la petite place blanche se tenant se contenant comme un sceaux de chaux el generalife et l'alhambra grenats entre cyprés noirs visage mudéjar de grenade et maintenant le cármene de priestley des cars s'arrêtant los guardias civiles l'ambassadeur anglais faisant du tourisme entre les galas du caudillo et du cármene de priestley sort priestley où pourrait-il être pour le recevoir appas de voitures scandalisant la chaux chaude l'ambassadeur de sa majesté britannique visite un compatriote en grenade des enfants volant s'enfuyant vers les vides des portes et le blanc violé la moelle du blanc blessée détre battue l'albâtre du blanc reflué fureur sur lui-même plazuela san nicolás déjà non plus ce qu'elle avait été ce qu'elle était il y a deux minutes déjà rompu le silence du blanc sec stérile du blanc calcium de la chaux qui calla

y travaille et nous nous asseyons sur un volcán avait dit le chauffeur dans la cour de la cartuja assis dans la cour de l'alhambra bautizada sous le soleil du soir en attendant qu'on ouvre un volcán coeur battant á grenade et pour cela à la muraille prier travailler se taire san bernardo religión y patria et de nouveau l'albaicín et ses cármes y glorietas l'albaicín glissant de centaines de tours minuscules sur la vue de l'alhambra et du generalife grenat recoupé de noir écarlate changeant en or le soleil maure les murs mauresques de grenade mais le silence dans la plazuela ou petite place san nicolás rompu pour toujours une minute pour toujours jamais et la chaux calme la calme chaux qui caille du premier moment du premier blanc effleuré affleurant nous catapultant de blancheur blanc á blanc alba candidissima moteur de blancheur nous lançant à blanc élastique de candeur nous calcium jetant contre l'horizon rojonegro rougenoir palier de l'autre horizon le toujoursgris fuméneigé de la sierra nevada maintenant j'écris maintenant la vision est papier et l'encre sur le papier le blanc est papier y eserías atauriques y mocárbes de papier ne nous rendent que la cuticule du temps la lunule de l'ongle du temps et pour cela j'écris et pour cela j'esclave je ronge l'ongle du temps jusqu'au noyau jusqu'au nœud jusqu'au jus et je ne révoque pas la patine de papier la pépie de papier la peau vide de papier l'écorce de papier qui entoure le cœur carné de grenade où un volcán nous assis par-dessus explose et pour cela calla y por eso trabaja y por eso

(traduction: inés oseki)

multitudinous seas incarnadine l'océan creux et recreux á la proue un sillon s'ouvre la poupe laisse un sillon comme un labour de lazuli une cicatrice continue dans la pulpe violette de l'océan qui s'ouvre comme une vulve violette la trouble vulve violette de l'océan oinopa ponton couleur du vin ou couleur de rouille selon le soleil qui tombe sur la mousse du reflux la mer multitudinaire minces miettes farine d'eau saline dans la pointe de l'écume qui se brise en brisures de brise nuntia junonis changeant ses plumes mais la mer mais l'écume mais l'allure mais l'allurécume de la mer recommencée et recommengante le temps aboli dans le vert varié l'aquarium aqueux et le vert fleurit comme un arbre de vert et l'on voit qu'il est bleu qu'il est violet qu'il est pourpre qu'il est iode et a nouveau vert glauque vert infestó d'azur et soufre et perle et pourpre mais la mer mais la mer multicoulante s'ensaphirant la turquoise, qui s'ouvre déhiscente comme un fruit qui s'enfle et pourrit en bleuroge pus de jus et pulpe et glu et colle et miel et fiel mais la mer après la mer après la mer et puis la mer polyglauque polyphosphorée maintenant nocturne sous des étoiles extrêmes mais lisse et noire comme une pelisse de félin un satin de fourrure une souplesse de panthère la mer polypanthère qui tord ses muscles lubriques sous l'essor des étoiles la mer comme un livre rigoureux et gratuit comme ce livre où elle est absolue d'azur ce livre qui se plie et déplie qui se double et dédouble peau sur peau pli selon pli la mer multigueule ou bien.océan merocéan merhomère qui souffle ses spondées comme une verte vessie une poche en plastique enflée de pisse la mer couleur d'urine avec le purin avec le fumier avec la chiasse des marins et la crasse et la crotte de la mer merdeuse la mer avec mal de mer l'eau grasse de la mer grossie placenta placide au soleil placée la mer salie séchant au soleil linceul de la mer mais alors mais l'aurore le lisse se délie sous des veines vineuses l'heure multicoule dans Pazur vert et discourt et recourt et court et entrecourt

comme un livre multiliséble qu'on multilit sous la première teinte de l'aurore et alors le rosâtre rasoir rose alors de l'aurore dactylorouge car la mer rémora demeure sur Pheure sur l'arrêt de Pheure et á nouveau moissonne sa récolte de verts comme si les eaux étaient réseaux et sa moisson d'azurs comme si un était plus était deux était trois était miile vert fois vert vers l'azur mais la mer verse mais la mer reverse mais la mer Pest comme l'ouvert d'un livre ouvert et l'œuvre c'est Pouvrer et á la mer ga retourne car la mer détourne mais il s'agit de la mer qui bat sa nappe d'écume quand je dirai qu'elle s'ouvre tu diras qu'elle scelle quand je dirai qu'elle se méle tu diras qu'elle déferle quand je dirai qu'elle meugle tu diras qu'elle est muette et la mer est tout et la mer nest rien la mer Pensoi de la mer a Pinsu de la mer qui se rouvre derrière la poupe comme un fruit pourpre une vulve mûre dans son miel d'orgasme dans son mal de spasme la mer gargouille qui grouille et gazouille é gorge gargarisée cette mer cette merlivre ce livremer intact et touché flétri et fleuri multitudineuse mer pourpre bleuie mer bleue et hors et puis et alors et après et d'ailleurs et cependant et encore et néanmoins mervolante merluisante merlunante mersonnante polyphloisbos
(traduction: inés oseki)

passtimes and killtimes iwendaway darkling for mindamends through this minimeandering instant of minutes instancing somebody and instanced beyond to telltale a sheherezade thistory my fairy how many fates are there in each nullitywee thread discard nines leaving nought sheherezade sheherezade a nightstory a thousandtimes overtold then the sonnyboy soulumbering into this nightdark florest came and a drago sevensnouted dragoned his swellhand into a fernavid and cavernish grottohollow my boy wants knowhow to unpick this threadform how to sideslip this cavern only the dragon all dragoning knows the key to this festival and now the dragon at his siesta is asnoozing then when myboy began his ringawinnow round a rosaromanorum gesta in the bosk he stumbled on the sleepy beauty bellabella tell me a life thistory but sleepy beauty in the silence sleepeyed on and nobody told him if there was any forthgoes myboy to a kingdom interlunar where the dead king was up and the upwas king is dead but nobody told him the sideslip thistory myboy is only so posed now to suffer the firetrial to ford the bosk and florage through the river for the headbone that is there in the well's depth in the depth of pickatomb and catafalque in this well is a caput mortuum myboy doth to godbye suffer a seachange in the caboose but the head does not tell the thistory of its well if there was or if there was not if it was girl or boy a swan of anovertime appears to him in a dream and to the swan country takes him swirling in a bird flock myboy asks the swan about the thistory he sings his swan song and swanenchants himself and now is Mrs Sun in the One-Who-Waits and her golden rain illuminates myboy she is in her danad tower incubus princess crowned by a shower tell me your pluvial tale how it was the gold in a torrent of dust made spawn your treasure but auriconfused the princess of gold clammed up and for to find the taletale myboy wend on his way from post to pillar from muse to medusa all dot in white and white in dot sheherezade my fairy this is all going nowhere princess my princess what a thistory of maze-understanding how many more veins and volutes and volution find íne a verysimil that will make of speech the verity and transform in fate a fairy this sybilline simil of destiny's mercurianimal serpentine malefemale and in speech

transforms the fate find me this wickedworking blindworm fishword where the song sings
the tale of the song where the why does not tell how where the egg searches in the egg for
its retribrilliant ovality where the fire became water the water a body of vapor where the
nude unmakes its not and the nut snows itself with nothing a fairy tells a tale that is her
deathsong but nobody not even a tiny one can know of this fairy her tale where it begins
indeed where it finishes there is no soul to face for to be told it she is all enchanted water
go boy my tinyboy to unimagine this fatamorgana is fatiguising a malefelonious sentence
you dig miles downunder and come out in the well where you dig you work three hundred
for three cent you change diamonds myriads for a crude coal who knows if this coal might
be the diamondiferous dust the mother-of-diamonds morgana of the charmstones and the
boy went and the legend does not tell of his ongoing if he came back or did not if from his
going one does not come back the legend pokerface does not say only unsays only keeps
going around and around and around

(English translation by Norman Potter and Christopher Middleton)